Abordagens foucaultianas para uma metodologia dos estudos da WEB segundo o conceito de dispositivo

Ana Claudia da Cruz Melo
Carmen Lúcia Souza da Silva
Universidade Federal do Pará

Palavras-chave: Dispositivo; Midiatização; WEB; Conversação; Embates.

RESUMO EXPANDIDO

Para definir o conceito de *dispositivo* em Foucault, antes é preciso conhecer suas ideias. Compreendê-lo dentro de uma longa trajetória de estudos. Talvez a começar quando sugeriu, com o lançamento de *As Palavras e as Coisas* (1966), que ao invés de estrutura há de se considerar a *épistémè* ligada à linguagem e que as ciências humanas não passariam de resultados de mutações de formações discursivas que se seguem uma às outras no tempo, sem qualquer sequência pré-ordenada ou necessária. Depois, passa a definir a *épistémè* como o dispositivo *discursivo*, diferentemente do *dispositivo* (grifos nossos) em seu conceito mais amplo, que englobaria tanto o discursivo como o não discursivo, com perfil heterogêneo. Esta trajetória de construção conceitual é detalhada em entrevista concedida a Alain Grosrichard, publicada em *Microfísica do Poder* (1979). Após ser questionado por Grosrichard sobre por que em *As Palavras e as Coisas* e *A Arqueologia do Saber* falava em *épistémè* como formações discursivas e depois passou a falar mais em dispositivos, disciplinas; e se isso representaria que estes conceitos substituem os precedentes, Foucault esclarece:

> Em *As Palavras e as Coisas*, querendo fazer uma história da *epistémè*, permanecia em um impasse. Agora, gostaria de mostrar que o que chamo de dispositivo é algo muito mais geral que compreende a *épistémè*. Ou melhor, que a *épistémè* é um dispositivo especificamente discursivo, diferentemente do dispositivo, que é discursivo e não discursivo, seus elementos sendo muito mais heterogêneos. (FOUCAULT, 1979, p. 246)

Em a *Microfísica do Poder,* Foucault (1979) prossegue não apenas apresentando o sentido, mas a função metodológica do termo dispositivo. Afirma que através deste termo tenta demarcar, decididamente, um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. "Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos" (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Foucault também demarca a natureza da relação que pode existir entre esses elementos heterogêneos situando a forma como o discurso pode aparecer: por meio de um programa institucional ou, ao contrário, para justificar e mascarar uma prática que permanece muda; ou como reinterpretação desta prática, permitindo a emergência de outro campo de racionalidade. A questão a considerar, segundo ele, é que entre os elementos (discursivos ou não) existe certo jogo que resulta em mudanças de posição ou modificações de funções.

O terceiro aspecto que Foucault coloca é que o dispositivo também pode ser entendido como uma formação que, em um determinado momento, teve como principal função responder a uma urgência. É nesse sentido que se poderia situar, inclusive, o dispositivo como tendo uma função estratégica dominante, que possui uma estrutura de elementos heterogêneos, e também é constituído por um certo tipo de gênese. Esta gênese é apresentada como tendo dois momentos essenciais. O primeiro momento é o da predominância de um objetivo estratégico. Em seguida, o dispositivo se constitui e continua sendo dispositivo na medida em que engloba um duplo processo:

> Por um lado, processo de sobredeterminação funcional, pois cada efeito, positivo ou negativo, desejado ou não, estabelece uma relação de ressonância ou de contradição com os outros, e exige uma rearticulação, um reajustamento dos elementos heterogêneos que surgem dispersamente; por outro lado, o processo de perpétuo preenchimento estratégico (FOUCAULT, 1979, p. 245).

Com base nisso, Foucault traz a prisão como um dispositivo que fez com que em determinado momento da história fosse tida como um meio eficaz de combate à criminalidade. Entretanto, esse dispositivo teve um efeito não esperado que foi a constituição de um "meio delinquente". Para defender a ideia de que o dispositivo está sempre inscrito num jogo de poder (ligado a uma ou a configurações de poder), é que Foucault propõe dispositivo como algo mais heterogêneo, que transborda a sua concepção primeira de *epistémè* tratada em *As Palavras e as Coisas* e *Arqueologia do Saber.*

Dreyfus e Rabinow (1995) ajudam a compreender o pensamento de Foucault acerca do dispositivo detalhando que o dispositivo também pode ser considerado como uma grade de análise construída, atuando como uma ferramenta ou aparelho, constituindo sujeitos e os organizando e, ao mesmo tempo, pode ser visto como uma tentativa de nomear ou, no mínimo, apontar o problema.

Segundo esses autores, um exemplo de como Foucault lança mão do termo dispositivo está no caso dos estudos da clínica de Jean-Martin Charcot, que desenvolvia experimentos médicos em "mulheres histéricas". A essas mulheres era dado nitrito de

amilo para provocar a excitação e depois levá-las aos internos da clínica para falarem livremente de suas fantasias. Charcot, Freud e Foucault verão esses experimentos de modos diferentes. Charcot pesquisava as causas objetivas da ação, enquanto Freud observava as intenções escondidas nos comportamentos dos atores e as interpretava para tentar explicar o que estava acontecendo. Foucault, segundo Dreyfus e Rabinow, dá um passo a mais nesse processo porque considera, primeiramente, "o dispositivo de sexualidade" um dado essencial, o ponto de partida obrigatório para toda a discussão do problema. Nas palavras de Foucault: "Eu o examino [o dispositivo de sexualidade] atentamente, e o tomo ao pé da letra; não me coloco fora dele, pois isto não é possível e, assim procedendo, sou levado a outras coisas" (FOUCAULT *apud* DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 135).

Essas "outras coisas" a que Foucault se refere, explicam Dreyfus e Rabinow, não são causas objetivas de neuroses sexuais, nem as intenções escondidas das "mulheres histéricas", mas a organização, a coerência e a inteligibilidade de todas as práticas que apareceram nas representações da clínica de Charcot.

Sob esta perspectiva do dispositivo - como algo mais heterogêneo e complexo -, é que compreendemos que as acepções foucaultianas sobre o *dispositivo*, no campo da Comunicação, se distanciam de compreensões que o trazem como suporte, técnica, aparelho ou os meios usados para dar uma impressão de realidade (BAUDRY, 1978). Ferreira (2007) traz, por exemplo, o conceito de midiatização articulado a partir de três polos em relação de mútua determinação, formando o que denomina de "matriz da midiatização", onde o conceito de dispositivo é estratégico porque se articula aos processos sociais e aos de Comunicação, afetando-os e sendo delineados por esses. Ao explicar o que compreende como *dispositivos midiáticos*, Ferreira destaca, inclusive, a complexidade do conceito de dispositivo, pois afirma que, em sendo heterogêneo, "são constituídos por diversas outras intersecções ativadas nas relações entre semiose, sistemas de inteligibilidade e sistemas tecnológicos" (FERREIRA, 2016, p. 148).

A partir destas considerações acerca do conceito *dispositivo*, passamos a apresentar dois exemplos de estudos, que se propõem a exemplificar elementos que permeiam a existência das relações vivenciadas na WEB (***avaliação cega***). Demonstram que as interações vivenciadas na atualidade podem ser compreendidas como inseridas em um complexo *dispositivo* que permitiu o surgimento de uma rede de computadores que inicialmente tinha uma determinada finalidade (***avaliação cega)***. Mas essa rede transbordou a finalidade idealizada e se tornou um espaço, voltado às vivências de afetos

e afecções (SPINOZA, 2014), de conversação (TARDE, 2005) e também em um lugar de embates entre campos e atores sociais (***avaliação cega)***. O dispositivo, portanto, não é o meio e, sim, tudo aquilo que permitiu que um espaço passasse a existir, ou seja, é um conjunto heterogêneo que envolve como propõe Foucault não apenas os discursos ou as instituições, mas também uma gama de outros elementos que estão relação, dinamizam o processo e provocam afetações mútuas.

Referências

BAUDRY, Jean Louis. *L'effet Cinéma*. Paris: Albatros, 1978.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault*: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. 1. ed. Brasileira. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FERREIRA, Jairo. Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-Compós.* v. 10, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/196/197>. Acesso: set. 2016.

_____. Adaptação, disrupção e regulação em dispositivos midiáticos. *Matrizes,* São Paulo, n. 2, v. 10, p. 135-153, maio/ago. 2016.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. *As Palavras e Coisas; uma arqueologia das ciências humanas*. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Microfísica do poder*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LATOUR, Bruno. Reagregando o Social. Bauru, SP: EDUSC - Salvador, BA: EDUFBA, 2012.

SPINOZA, Benedictus de. Ética. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TARDE, Gabriel. A Opinião e as Massas. São Paulo: Martins Fontes, 2005.